

[TT00236]

O velho da horta

Gil, Vicente

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

O velho da horta

Figuras: hum Velho, huma moça, hum Parvo, criado do velho; Mulher, do velho; Branca Gil, uma Mocinha, um Alcaide, Beleguins.

A seguinte farsa he o seu argumento que hum homem honrado e muito rico, já velho, tinha hua horta: e andando hua manhã por ella esparecendo, sendo o seu hortelão fóra, veio hua moça de muito bom parecer buscar hortaliça, e o velho em tanta maneira se enamorou della que, per via de hua alcoviteira, gastou toda a sua fazenda. A alcoviteira foi açoutada, e a moça casou honradamente. Foi representada ao mui sereníssimo rei Dom Manuel, o primeiro desse nome. Era do Senhor 1512.

ATO ÚNICO

Entra o velho pela horta, rezando.

VELHO: Pater noster criador, Qui es in coelis, poderoso, Santificetur, Senhor, nomen tuum vencedor, nos ceos e terra piedoso. Adveniat a tua graça, regnum tuum sem mais guerra; voluntas tua se faça sicut in coelo et in terra. Panem nostrum, que comemos, cotidianum teu he; escusá-lo não podêmos; Tu da nobis hodie. Dimitte nobis, Senhor, Debita nossos errores, sicut et nos, por teu amor, dimittimus qualquer error, aos nosso devedores. Et ne nos, Deos, te pedimos, inducas, per nenhum modo, in tentationem cahimos; porque fracos nos sentimos, formados de triste lodo. Sed libera nossa fraqueza, nos a malo nesta vida; Amen, por tua grandeza, e nos livre tua alteza da tristeza sem medida.

Entra a MOÇA na horta e diz o VELHO:

Senhora, benza-vos Deos,

MOÇA: Deos vos mantenha, senhor.

VELHO: Onde se criou tal flor? Eu diria que nos ceos.

MOÇA: Mas no chão.

VELHO: Pois damas se acharão que não são vosso sapato!

MOÇA: Ai! Como isso é tão vão, e como as lisonjas são de barato!

VELHO: Que buscais vós cá, donzella, senhora, meu coração?

MOÇA: Vinha ao vosso hortelão, por cheiros para a panella.

VELHO: E a isso vinde vós, meu paraíso. Minha senhora, e não a al?

MOÇA: Vistes vós! Segundo isso, nenhum velho não tem siso natural.

VELHO: Ó meus olhinhos garridos, minha rosa, meu arminho!

MOÇA: Onde he vosso ratinho? Não tem os cheiros colhidos?

VELHO: Tão depressa vinde vós, minha condensa, meu amor, meu coração?

MOÇA: Jesu! Jesu! Que cousa he essa? E que prática tão avessa da razão!

VELHO: Fallae, fallae d'outra maneira! Mandae-me dar a hortaliça. Gran fogo d'amor m'atiça, ó minha alma verdadeira!

MOÇA: E essa tosse? Amores de sôbre-posse serão os da vossa idade; o tempo vos tirou a posse.

VELHO: Mais amo que se moço fosse com a metade.

MOÇA: E qual será a desastrada que atende vosso amor?

VELHO: Ó minh'alma e minha dor, quem vos tivesse furtada!

MOÇA: Que prazer! Quem vos isso ouvir dizer cuidará que estais vós vivo, ou que sois pera viver!

VELHO: Vivo não no quero ser, mas cativo!

MOÇA: Vossa alma não he lembrada que vos despede esta vida?

VELHO: Vós sois minha despedida, minha morte ante cipada.

O velho da horta

MOÇA Que galante! Que rosa! Que diamante! Que preciosa perla fina!

VELHO: Ó fortuna triunfante! Quem meteo hum velho amante com menina! O maior risco da vida e mais perigoso he amar, que morrer é acabar e amor não tem sahida, e pois penado, ainda que amado, vive qualquer amator; que fará o desamado, e sendo desesperado de favor?

MOÇA: Ora, dá-lhe lá favores! Velhice, como te enganas!

VELHO: Essas palavras ufanas acendem mais os amores.

MOÇA: Bô home, estais às escuras! Não vos vêdes como estais?

VELHO: Vós me cegais com tristuras, mas vejo as desaventuras que me dais.

MOÇA: Não vêdes que sois ja morto e andais contra a natura?

VELHO: Ó flor da mor formosura! Quem vos trouxe a este meu horto? Ai de mim! Porque assi como vos vi, cegou minha alma, e a vida e está tão fóra de si qu'em partindo vós daqui, he partida.

MOÇA: Ja perto sois de morrer. Donde nace esta sandice que, quanto mais na velhice, amais os velhos viver? E mais querida, quando estais mais de partida, é a vida que leixais?

VELHO: Tanto sois mais homicida, que, quando amo mais a vida, m'a tirais. Porque a minh'hora d'agora vai vinte annos dos passados; pois os moços namorados a mocidade os escora. Mas um velho, em idade de conselho, de menina namorado... Ó minh'alma e meu espelho!

MOÇA: Ó miolo de coelho mal assado!

VELHO: Quanto for mais avisado quem d'amor vive penando, terá menos siso amando, porque he mais ntmorado. Em conclusão: que amor não quer razão, nem contracto, nem cautela, nem preto, nem condição, mas penar de coração sem querella.

MOÇA: Hulos esses namorados? Desinçada he a terra livre delles: namorados de cruzados, isso si!...

VELHO: Senhora, eis-me eu aqui, que não sei senão amar. Ó meu rosto d'alfeni! Qu' em forte ponto vos vi neste pomar!

MOÇA: Que velho tão sem sossêgo!

VELHO: Que garridice me viste?

MOÇA: Mas dizei, que me sentiste, remelado, necio cego?

VELHO: Mas de todo, por mui namorado modo, me tendes, minha senhora, já cego de todo em todo.

MOÇA: Bem está, quando tal lodo se namora.

VELHO: Quanto mais estais avessa, mais certo vos quero bem.

MOÇA: O vosso hortelão não vem? Quero-me ir, que estou com pressa.

VELHO: Ó fermosa! Toda a minha horta he vossa.

MOÇA: Não quero tanta franqueza.

VELHO: Não per me serdes piedosa, porque, quanto mais graciosa, soes crueza. Cortae tudo sem partido, senhora, se sois servida. Seja a horta destruída, pois seu dono he destruído.

MOÇA: Mana minha, achastes vós a daninha, porque não posso esperar. Colherei alguma

cousinha, somente per ir asinha e não tardar.

VELHO: Colhei, rosa, dessas rosas, minhas flores, colhei flores. Quisera que esses amores forão perlas preciosas e de rubis o caminho per onde is, e a horta d'ouro tal, com labores mui sutis, puisque Dous fazer-vos quis angelical. Ditoso he o jardim que está em vosso poder: podeis, senhora, fazer delle o que fazeis de mim.

MOÇA: Que folgura! Que pomar e que verdura! Que fonte tão esmerada!

VELHO: N'água olhae vossa figura, vereis minha sepultura ser chegada.

Canta a MOÇA:

"Cual es la niña que coge las flores, sino tiene amores.

Cogia la niña la rosa florida,

El hortelánico prendas le pedia sino tienes amores."

Assi cantando, colheo a MOÇA da horta o que vinha buscar e, acabado, diz:

Eis aqui o que colhi; vêde o que vos hei de dar.

VELHO: Que m'haveis vós de pagar, pois que me levais a mi' Ó coitado! Que amor me tem entregado e em vosso poder me fino, porque sem de vós tratado como pássaro em mão dado d'hum menino.

MOÇA: Senhor, com vossa mercê.

VELHO: Por eu não ficar sem a vossa, queria de vós hua rosa.

MOÇA: Hua rosa? Pera que?

VELHO: Porque são colhidas de vossa mão, deixar-m'heis alguma vida, não isenta de paixão, mas será consolação na partida.

MOÇA: Isso é por me deter, Ora tomai, e acabar.

Tomou o VELHO a mão:

Jesu! E quereis brincar? Que galante e que prazer!

VELHO: Já me leixais? Lembre-vos que me lembreis e que não fico comigo. Ó marteiros infernais! Não sei por que me matais, nem o que digo.

Vem um PARVO, criado do VELHO, e diz:

Dono, dizia minha dona que fazeis vós cá té à noute?

VELHO: Vai-te dahi, não t'açoute? Ó! Dou o decho a chaçona sem saber!

PARVO: Diz que fosseis vós comer, e que não moreis aqui.

VELHO: Não quero comer, nem beber.

PARVO: Pois que haveis ca de fazer?

VELHO: Vai-te d'hi!

PARVO: Dono, veio lá meu tio, estava minha dona, então ella, foi-se-lhe o lume pela panella, senão acertá-lo acario..

VELHO: Ó Senhora! Como sei que estais agora sem saber minha saudade! Ó Senhora matadora, meu coração vos adora de vontade!

O velho da horta

PARVO: Raivou tanto rosneiar ó pesar ora da vida! Está a panella cozida, minha dona quer jantar: nam quereis?

VELHO: Não hei de comer, que me pêis, nem quero comer bocado.

PARVO: E se vós, dono, morreis? Então depois não fallareis senão finado. Então na terra nego jazer, então, finar dono, estendido.

VELHO: Ó quem não fôra nacido, ou acabasse de viver!

PARVO: Assi, pardeos! Então tanta pulga em vós, tanta bichoca nos olhos, ali, c'os finado sós, e comer-vos-hão a vós os piolhos. Comer-vis-hão as cigarras e os sapos morrerá, morrerá.

VELHO: Deos me faz já mercê de me soltar as amarras. Vae saltando, aqui te fico esperando; traze a viola, e veremos.

PARVO: Ah! Corpo de São Fernando! Estão os outros jantando, e cantaremos?

VELHO: Quem fosse do teu teor, per não se sentir tanta praga de fogo, que não se apaga, nem abranda tanta dor! Hei de morrer.

PARVO: Minha dona quer comer; Vinde, eramé, dona, que brada. Olhae, eu fui lhe dizer dessa rosa e do tanger, e está raivada!

VELHO Vai tu, filho Joanne, e dize que logo vou, que não ha tempo que ca?stou.

PARVO: Ireis vós pera o Sanhoanne! Pelo ceo sagrado, que meu dono está danado! Vio elle o demo no ramo. Se elle fosse namorado, logo eu vou buscar outr'amo.

Vem a MULHER do VELHO e diz:

Hui! Amara do meu fado; Fernandeanes, que he isto?

VELHO: Ó pesar do Antichristo co's velha destemp'rada! Vistes ora?

MULHER: Estadama onde mora? Hui! Amara dos meus dias! Vinde jantar em ma ora: por que vos metteses agora em musiquias?

VELHO: Pelo corpo de San Roque! Comendo ó demo a gulosa!

MULHER: Quem vos pos hi essa rosa? Má forca que vos enforque!

VELHO: Não curar:! fareis bem de vos tornar porque estou mui mal sentido; não querei de me fallar, que não se pode escusar ser perdido!

MULHER: Agora co'as hervas novas vos tornastes vós granhão.

VELHO: Não sei que he, nem que não, que hei de vir a fazer trovas.

MULHER: Que peçonha! Havei ma ora vergonha a cabo de sessenta annos, que sondes vós carantonha.

VELHO: Amores de quem me sonha tantos danos!

MULHER: Já vós estais em idade de mudardes os costumes.

VELHO: Pois que me pedis ciumes, eu vo-los farei de verdade.

MULHER: Olhae a peça!

VELHO: Nunca o demo em al m'empeça senão morrer de ntorado.

MULHER: Quer já cair da trepeça, e tem rosa na cabeça e imbicado.

VELHO: Leixar-me ser namorado. porque o sou muito em extremo!

MULHER: Mas que vos tome inda o demo, se vos já não tem tomado!

VELHO: Dona torta, acertar por esta porta, Velha mal-aventurada! Sair ma ora da horta!

MULHER: Hui, amara! aqui sou morta, ou espancada!

VELHO: Estas velhas são pecados, Sancta Maria val com a praga! Quanto as homem mais afaga, tanto são mais endiabradas!

(Canta)

"Volvido nos han volvido,

volvido nos han:

por uma vecina mala

meu amor tolheu-lhe a fala

volvido nos han."

Entra Branca Gil, ALCOVITEIRA, e diz:

Mantenha Deos vossa Mercê.

VELHO: bofé, vós venhais embora! Ah! Sancta Maria! Senhora. Como logo Deos provê!

BRANCA: Si aosadas. Eu venho por mesturadas, e muito depressa ainda.

VELHO: Mesturadas mesandadas, que as fara bem guisadas vossa vinda! Ocaso he: Sôbre meus dias, em tempo contra a razão, veio amor, sôbre tenção, e fez de mi outro Mancias tão penado, que de muito namorado creio que me culpareis porque tomei tal cuidado; e do velho destampado zombareis.

BRANCA: Mas, antes, senhor agora na velhice anda o amor; o de idade d'amador de ventura namora; e na côrte nenhum mancebo de sorte não ama como sohia. Tudo vai em zombaria! Nunca morrem desta morte nenhum dia. E folgo ora de ver vossa mercê namorado, que o homem bem criado até à morte o ha de ser, por direito. Não per modo contrafeito, mas firme, sem ir atraz, que a todo homem perfeito mandou Deos no seu preceito: amarás.

VELHO: Isso he o demo que eu brado, Branca Gil, e não me val, que eu não daria hum real per homem desntmorado. Porém, amiga, se nesta minha fadiga vós não sois medianeira, não sei que maneira siga, nem que faça, nem que diga, nem que queira.

BRANCA: Ando agora tão ditosa louvores a Virgem Maria, que acabo mais do que queria pela minha vida e vossa. D'antemão, faço hua esconjuração e "hum dente de negra morta ante que entre pela porta, que exhorta qualquer duro coração.

VELHO: Dizede-me: quem he ella?

BRANCA: Vive junto co'a Sé. Já, já, já; bem sei quem he. He bonita como estrella, hua rosinha d'abril, hua frescura de Maio, tão manhosa, tão sutil!

VELHO: Acudi-me Branca Gil, que desmaio.

Esmorece o VELHO e a ALCOVITEIRA começa a ladainha seguinte:

Ó precioso Santo Arelhano, martyrr bem-aventurado,

Tu que foste marteirado neste mundo cento e hum anno;

Ó São Garcia Moniz, tu que hoje em dia

O velho da horta

Fazes milagres dobrados, dá-lhe esforço e alegria,
Pois que es da companhia dos penados!
Ó Apóstolo San João Fogaça, tu que sabes a verdade,
pola tua piedade, que tanto mal não se faça!
Ó Senhor Tristão da Cunha, confessor,
Ó Martyr Simão de Sousa, pelo vosso santo amor.
Livrai o velho pecador de tal cousa!
Ó Santo Martim Afonso de Melo, tão namorado.
Dá remédio a este coitado, e eu te direi hum responso com devoção!
Eu prometo hua oração, todo dia, em quatro meses,
Por que lhe deis força, meu senhor San Dom João de Meneses!
Ó martyr Santo Amador Gonçalo da Silva, vós, que sois o hum só dos sós porfioso em
amador apressurado, chamae o martirizado
Dom Jorge d'Eça a conselho,
Dous casados n'hum cuidado, socorrei a este coitado deste velho!
Arcanjo São Comendador Mor d'Avis, mui inflamado,
Que antes que fosseis nado, fostes santo no amor!
E não fique o precioso Dom Anrique, outro Mor de Santiago;
Socorrei-lhe muito a pique, antes que demo repuque com tam pago.
Glorioso São Dom Martinho, apóstolo e Evangelista, tomae este feito à revista,
Porque leva mao caminho, e dae-lhe espírito!
Ó Santo Barão d'Alvito, Serafim do Eeos Cupido, consolae o velho afflito;
Porque, inda que contrito, vai perdido!
Todos sanctos marteirados, socorrei ao marteirado, que morre de ntorado,
Pois morreis de n'morados.
Para o livrar, as virgens quero chamar,
Que lhe queiram socorrer, ajudar e consolar,
Que está ja para acabar de morrer.
Ó Sancta Dona Maria Anriques tão preciosa,
Queirais-lhe ser piedosa, por vossa sancta alegria!
E vossa vista, que todo o mundo conquista,
Esforce seu coração, porque à sua dor resista,
Por vossa graça e bem quista condição.
Ó Sancta Dona Joana de Mendonça, tão fermosa,
Preciosa e mui lustrosa mui querida e mui oufana!
Dae-lhe vida, com outra sancta escolhida que tenho em voluntas mea;
Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Seja de vós socorrida como de Deos foi ouvida. A Cananea.

Ó Sancta Dona Joana Manuel, pois que podeis, e sabeis, e mereceis ser angelica e humana, socorrê!

E vós, senhora, por mercê, ó Sancta Dona Maria de Calataúd, por que vossa perfeição lhe dê alegria.

Sancta Dona Catarina de Figueiró, a Real,
por vossa graça especial, que os mais altos inclina;
e ajudará Sancta Dona Beatriz de Sá:

Dae-lhe, senhora, confôrto, porque está seu corpo já quasi morto.

Sancta Dona Beatriz da Silva, que sois aquella mais estrella que donzella, como todo o mundo diz; e vós, sentida Sancta Dona Margarida de Sousa, lhe socorrê, se lhe puderdes dar vida, porque está ja de partida sem porque.

Sancta Dona Violante de Lima, de grande estima,
Mui subida, muito acima de estimar nenhum galante;
peço-vos eu, e a Dona Isabel de Abreu, que hajais delle piedade c'o siso que Deos vos deu,
que não moura de sandeu em tal idade.

Ó Sancta Dona Maria d'Ataíde, fresca rosa, nacida em hora ditosa,
quando Júpiter se ria!

e, se ajudar Sancta Dona Ana, sem par d'Eça, bem aventurada,
podei-lo resuscitar, que sua vida vejo estar desesperada.

Sanctas virgens, conservadas em mui sancto e limpo estado, socorrei ao ntmorado, que vos vejais ntmoradas.

VELHO: Óh! Coitado!

Ai triste desatinado,
ainda torno a viver;

Cuidei que já era livrado.

BRANCA: Qu'esforço de namorado e que prazer! Havede ma ora aquella!

VELHO: Que remédio me dais vós?

BRANCA: Vivereis, prazendo a Deos, e casar-vos-hei com ella.

VELHO: He vento isso!

BRANCA: Assi seja o paraíso, que não he ora tanto extremo, Não curedes vós de riso, que se faz tão improviso como o demo: e também d'outra maneira, se m'eu quiser trabalhar.

VELHO: Ide-lhe, logo, rogo-vo-lo, fallar, e fazei com que me queira, que pereço; e dizei-lhe que lhe peço se lembre que tal fiquei estimado em pouco preço, e, se tanto mal mereço, não no sei! E, se tenho esta vontade, que não se deve enojar, mas antes muito folgar matar od de qualquer idade. E, se reclama que sendo tão linda dama por ser velho m'aborrece, dizei-lhe: que mal desama, porque minh'alma que a ama não envelhece.

BRANCA: Sus! Nome de Jesu Christo! Olhae-me pela cestinha.

O velho da horta

VELHO: Tornae logo mui asinha, que eu pagarei bem isto.

Vai-se a ALCOVITEIRA, e fica o VELHO tangendo e cantando a cantiga seguinte:

Pues tengo razón, señora,

Razón es que me laa oiga!

Vem a ALCOVITEIRA e diz o VELHO:

Venhais em boa hora, amiga!

BRANCA: J'ella fica de bom geito; mas, pera isto andar direito, he razão que vo-lo diga: eu já, senhor meu, não posso, vencer hua moça tal sem gastardes bem do vosso,

VELHO: Eu lhe peigarei em grosso.

BRANCA: Mi está o feito nosso, e não em al. Perca-se toda a fazenda, por salvardes vossa vida!

VELHO: Seja ella disso servida, qu'escusada he mais contenda.

BRANCA: Deos vos ajude, e vos dê mais saude, que assim o aveis de fazer: que viola nem alaude nem quantos amores pude não quer ver. Remoçou-m'ellla hum brial de seda e uns toucados...

VELHO: Eis aqui trinta cruzados, Que lhe façam mui real!

Enquanto a ALCOVITEIRA vai, VELHO torna a prosseguir o seu cantar e tanger e, acabado, torna ela e diz:

Está tão saudosa de vós que se perde a coitadinha: ha mister hua vasquinha e tres onças de retroz.

VELHO: Tomae.

BRANCA: A benção de vosso pae. (Bô ntmorado he o tal!) pois gastais, descansae: n'morados de ai ai não são papa nem são sal. Hui! Tal fôra, se me fôra! Sabeis vós que m'esquecia? Hua adela me vendia hum firmal d'hua senhora. C'hum rubi, pera o collo, de marfi, lavrado de mil labores, por cem cruzados.

VELHO: Ei-los hi.

BRANCA: Isto ma ora, isto si são amores.

Vai-se o VELHO torna a prosseguir a sua música e, acabada, torna a ALCOVITEIRA e diz:

Dei, ma ora hua topada. Trago as sapatas rompidas, destas vindas, destas idas, e enfim não ganho nada.

VELHO: Eis aqui dez cruzados para ti.

BRANCA: Começo com boa estrea.

Vem um ALCAIDE com quatro BELEGUINS, e diz:

Dona, levantae-vos d'hi.

BRANCA: Que quereis vós assi?

ALCAIDE: À ceia!

VELHO: Senhores homens de bem, escutem vossas senhorias.

ALCAIDE: Deixai essas cortesias!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

BRANCA: Não hei medo de ninguém, vistes ora!

ALCAIDE: Levantae-vos d'hi, senhora, daí ao demo esse rezar! Quem vos dez tão rezadora?

BRANCA: Deixar-m'ora, na má hora, aqui acabar.

ALCAIDE: Vinde da parte d'El-Rei!

BRANCA: Muita vida seja a sua. Não me leveis pola rua; leixae-me vós, qu'eu m'irei.

BELEGUINS: Sus! Andar!

BRANCA: Onde me quereis levar? Ou quem me manda prender? Nunca havedes d'acabar de me prender e soltar? Não há poder!

ALCAIDE: Nada se póde hi al fazer.

BRANCA: Está ja a carocha aviada. Três vezes fui ja açoutada, e, enfim, hei de viver.

Levam-na presa e fica o VELHO dizendo:

Ó! Forte hora! Ah! Sancta Maria! Senhora! Já não posso livrar bem. Cada passo se empeora! Oh! Triste quem se namora de ninguem!

Vem hua MOCINHA à horta e diz:

Vêdes aqui o dinheiro: manda-me ca minha tia, que, assi como n'outro dia, lhe mandeis a couve e o cheiro. Está pasmado?

VELHO: Mas estou desatinado.

MOCINHA: Estais doente, ou que haveis?

VELHO: Ai! Não sei! Desconsolado, que naci desventurado!

MOCINHA: Não choreis! Mais mal fadada vai aquela!

VELHO: Quem?

MOCINHA: Branca Gil.

VELHO: Como?

MOCINHA: Com cent'açoutes no lombo, hua carocha por capela. E Ter mão; leva tão bom coração, como se fosse em folia. Ó que grandes que lh'os dão!

VELHO: E o triste do pregão porque dizia?

MOÇA: Por mui grande alcoviteira, e para sempre degredada, vai tão desavergonhada, como ia a feiticeira. E, quando estava, hua moça que casava na rua para ir casar, e a coitada que chegava a folia começava de cantar: hua moça tão fermosa que vivia alli à Sé...

VELHO: Ó coitado! A minha he!

MOCINHA: Agora, ma ora he vossa! Vossa he a treva. Mas ella o noivo leva: vai tão leda, tão contente, huns cabelos como Eva. Ousadas que não se lhe atreva toda a gente. O noivo, moço tão polido, não tirava os olhos della, e ella delle, ó que estrela! He elle hum par bem 'scolhido. Ó roubado, da vaidade enganado, da vida e da fazenda! Ó velho, siso enleado! Quem te meteo desastrado em tal contenda? Se os jovens amores, os mais tem fins desastrados, que farão as cans lançadas no conto dos amadores? Que sentias, triste velho, em fim dos dias? Se a ti mesmo contempláras, soubéras que não sabias, e viras como não vías, e acertáras.

Quero-m'ir buscar a morte, pois que tanto mal busquei. Quatro filhas que criei eu as pus em

O velho da horta

pobre sorte. Vou morrer. Ellas hão de padecer, porque não lhes deixo nada; da quantia riqueza e haver fui sem razão dispendido, mal gastada.

